



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL
DE ANGOLA E DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
EM VISITA «AD LIMINA APOSTOLORUM»**

Quinta-feira, 5 de Setembro de 1991

Venerados Irmãos no Episcopado!

1. Com profunda alegria, vos recebo hoje neste encontro colegial, por ocasião da vossa Visita *ad Limina Apostolorum*. Abraço fraternalmente cada um de vós, e agradeço ao Senhor Cardeal Alexandre do Nascimento, Presidente da Conferência Episcopal, os sentimentos que em vosso nome quis manifestar-me, compartilhando também os problemas e as esperanças das vossas dioceses. Nas suas palavras, senti vibrar as preocupações e os anseios que cada um de vós traz no seu coração de Pastor, encarregado do anúncio evangélico e da promoção da vida cristã entre os homens e mulheres do nosso tempo.

Em vós saúdo as comunidades cristãs de Angola e de São Tomé e Príncipe, que, depois de duras provas, se apressam agora a percorrer fraternalmente os caminhos da reconstrução nacional. Nesta minha saudação afectuosa, desejo envolver de modo particular a recém-formada diocese de Ndalatando e a diocese de Mbanza Congo enlutada pelo trágico acidente que, há um mês, ceifou a vida de alguns dos seus filhos e do seu zeloso pastor, o nosso bem-amado Irmão Dom Afonso Nteka. Transmiti às vossas Igrejas Particulares os meus mais cordiais sentimentos, assegurando a todos a minha solidariedade espiritual.

Esta Visita *ad Limina* ocorre dentro do ano jubilar comemorativo dos cinco séculos do início da evangelização de Angola. Espero - se Deus quiser - ter a alegria de vos visitar, por altura da celebração conclusiva deste evento eclesial, que constitui um novo apelo e impulso à obra de evangelização, na qual vos incito a perseverar para que o Nome de Jesus Cristo, Salvador e Redentor, fique nos lábios e no coração de todos os habitantes das vossas nações.

2. A evangelização apresenta-se-vos hoje com uma exigência basilar: *educar para a paz*, promovendo uma autêntica cultura do diálogo e da fraternidade. A guerra semeou sofrimentos e morte, deixando ainda mais profundas, as divisões; ante o calvário do povo angolano, a Santa Sé não se poupou a esforços para favorecer a causa da paz, e deseja hoje assegurar-vos uma solícita e fraterna solidariedade nos desafios que se anunciam. Como não pensar no incontável número de famílias desfeitas e separadas, nos milhares de crianças órfãs, na multidão dos mutilados de guerra? Por seu lado, em São Tomé e Príncipe, os governantes, acatando a vontade soberana do povo, conseguiram instaurar o pluripartidarismo sem derramamento de sangue - num louvável processo de maturidade política que serviu de modelo e estímulo para outros povos do continente africano - mas, entre os vários grupos sociais do país, regista-se ainda um desnivelamento de integração social e de desenvolvimento económico e cultural tão acentuado que compromete a alma nacional comum.

Ora a Igreja, pela sua universalidade, pode constituir um laço muito estreito entre as diversas comunidades das vossas nações, contanto que estas, pelos seus líderes, “nela confiem e lhe reconheçam a verdadeira liberdade para cumprir a sua missão” (*Gaudium et spes*, 42). Esta, procurando principalmente iluminar com a fé o íntimo da consciência humana, contribui de maneira notável para o bem da sociedade, pois muitos problemas sociais, e inclusivamente políticos, encontram as suas raízes na ordem moral. Faço votos por que, no quadro dos recentes progressos entre o Estado e a Igreja, seja concedido a esta o pleno reconhecimento jurídico e garantidas as condições básicas para o normal e efectivo desenvolvimento da sua tarefa evangelizadora.

Neste contexto, amados Irmãos, é primordial que as vossas Igrejas Locais se revelem aos olhos do mundo como o Sacramento da Unidade, elas que, como afirmava o Concílio Vaticano II, “caminham juntamente com toda a humanidade e participam da mesma sorte terrena do mundo”, e por isso hão-de mostrar-se cada vez mais “como que o fermento e a alma da sociedade humana, a qual deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus” (*Gaudium et spes*, 40), para que cada pessoa veja no próprio semelhante não um concorrente para competir com ele, mas um irmão a quem se unir a fim de edificar um mundo mais justo e solidário.

Animai os vossos fiéis a colaborar - juntamente com todos os cidadãos de boa vontade - na reconstrução do tecido humano e espiritual da sociedade, com magnanimidade e espírito de sacrifício. Catequizei os fiéis nas virtudes próprias da vida social. Procurai de igual modo suscitar e sustentar a vocação de líderes cristãos que, nas actividades laborativa, empresarial, política e em todos os âmbitos da vida nacional, se proponham levar à prática os postulados da Doutrina Social da Igreja.

3. Na nova etapa do caminho de reconciliação, a vossa Conferência Episcopal só poderá alcançar os objectivos esperados, se for *alimentada por uma progressiva e intensa comunhão* entre todos os membros, de modo que a vossa voz se eleve em unísono perante os fiéis e

perante a sociedade. A vossa união, tão preciosa no passado, sê-lo-á ainda mais no futuro.

Como “sucessores dos Apóstolos, que... governam a casa de Deus vivo”(*Lumen Gentium*, 18), tomai em consideração o estado actual das comunidades cristãs a vós confiadas, detendo-vos nas suas potencialidades e nos seus problemas. Elas são hoje chamadas a reorganizar-se e a dar um impulso renovado à sua vida interna e à sua actividade pastoral. Por isso è necessário chegar à elaboração de um projecto de pastoral conjunta para as vossas dioceses, em ordem a revitalizar todas as comunidades da Igreja, e poder assim cumprir mais plenamente o mandato evangelizador de Cristo. Porque a vida íntima da Igreja “não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunha... e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova”(Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, 15).

4. Uno-me solidariamente aos prementes apelos de pessoal missionário, lançados por tantos de vós às diversas Congregações religiosas e às dioceses de outras nações. Quanto desejo e rezo ao Senhor da Messe para que lhes seja dada resposta generosa, dentro daquele “*intercâmbio de dons*” considerado pelo Concílio essencial para a *communio Ecclesiarum!* (cf. *Lumen Gentium*, 13) Para fazer face à grave carência de sacerdotes que vos aflige, sejam encontradas novas vias e iniciativas dentro de um quadro de profícua colaboração entre as vossas dioceses e a Santa Sé que, a este nível, se sente “chamada a desempenhar um papel de propulsão, de sensibilização e de mediação, pondo em contacto os dois “pólos”, o da necessidade e o da oferta de ajudas, como força catalizadora” (Prefeito da Congregação para a Educação Católica: “*Per una più equa distribuzione dei sacerdoti nella Chiesa*”, in “L’Osservatore Romano”, 15 de março de 1991).

Exorto-vos a encontrar formas e modos de partilha também no âmbito da vossa Conferência Episcopal, particularmente no referente a serviços comuns ou de emergência às Igrejas mais necessitadas, segundo o exemplo das comunidades apostólicas que, “no meio de grandes tribulações com que foram provadas, espalharam generosamente e com transbordante alegria os tesouros da sua liberalidade, apesar da sua extrema pobreza”(*2 Cor* 8, 2). Olhando às necessidades actualmente sentidas e aos frutos que daí proviriam, menciono três campos de mútua colaboração. Começo pelo sector dos *meios de comunicação social* que permitirão multiplicar a vossa voz eclesial. Auspicio que o processo de devolução à Igreja da “Radio Ecclesia” e demais estruturas ao serviço da comunicação social possa rapidamente ser concluído. De facto, os mass-media constituem o primeiro “areópago dos tempos modernos”, onde o Evangelho deve ser proclamado (João Paulo II, *Redemptoris missio*, 37).

A elaboração de um *Catecismo* a nível nacional é empresa a que deveis lançar mão conjuntamente, para que as comunidades eclesiais possam dispor de um itinerário sistemático mais incisivo de catequese para as diversas etapas da vida, que possibilite consolidar religiosa e culturalmente a alma cristã do povo de São Tomé e Príncipe e de Angola. O heróico serviço e testemunho de tantos e tantos catequistas leigos - aos quais desejo aqui prestar justa homenagem -, a fome e sede da Palavra de Deus dos vossos fiéis, que nestes anos não se

poupamos a esforços para as saciar, serão estímulo e apelo ao qual o Espírito de Deus e vós sabereis corresponder.

Desejo ainda encorajar-vos a uma solidariedade episcopal concreta no que se refere à edificação de um verdadeiro e próprio *presbitério diocesano*, onde brilhe o sacerdote íntegro e zeloso, que reproduz em si a figura do “bom Pastor (que) dá a vida pelas suas ovelhas” (Jo 10, 11). Um tal presbitério constitui uma das mais importantes condições para se considerar a Igreja plantada, encarnada e robustecida pelo Espírito de Deus numa determinada porção da terra.

5. Apesar de se verificar presentemente um consolador florescimento de vocações ao ministério presbiteral e à vida religiosa, e uma imensa necessidade delas nas vossas dioceses, não descureis a *Pastoral das Vocações* nem o discernimento dos candidatos ou a sua conveniente formação. A descoberta, promoção e consolidação das vocações dependem em grande medida da vida e testemunho cristão presentes na família, na comunidade eclesial e no meio escolar que, por isso mesmo, devem ser envolvidos e contemplados na referida pastoral.

A *formação do clero* seja a vossa prioridade absoluta. A autenticidade do discernimento vocacional e da formação sacerdotal é medida pelo modo como ajuda o seminarista a transformar-se cada vez mais à imagem de Jesus Cristo Sacerdote e Pastor. Procurai, pois, que o Seminário seja verdadeiramente uma comunidade de educação e de formação capaz de criar, no jovem, o equilíbrio necessário para as decisões a tomar, na certeza de ter maturado simultaneamente o próprio ser humano, cristão e presbiteral; que seja um lugar de vida espiritual profunda, aberto às exigências do mundo actual, onde se respira uma atmosfera de Evangelho e de autêntica fraternidade.

A vossa acção é primordial na escolha dos formadores. Sejam verdadeiros homens de Deus e da Igreja, sólidos na doutrina e na piedade, imersos na Tradição viva da Igreja e, ao mesmo tempo, abertos às novas realidades que o Espírito sempre suscita em todas as épocas. Sei o quanto é sentida por vós a falta de um número suficiente de formadores e de professores bem preparados espiritual e intelectualmente. Isto obriga-vos a um maior acompanhamento do Seminário e a uma abertura à ajuda fraterna exterior.

6. Todavia na Igreja não poderá haver vitalidade plena, sem o contributo determinante dos leigos e, sobretudo da *família cristã*, célula primeira do organismo eclesial. Neste sector, servos-á útil colocar a Família de Nazaré como modelo e base da vossa acção pastoral. Sei que algumas dioceses têm dedicado à Pastoral Familiar interesse prioritário, tornando-a um dos pontos fundamentais da nova evangelização. O acolhimento alegre da vida é um valor que sentis muito vivo, e que deve ser cuidadosamente defendido e encorajado. Promovei uma pastoral que leve os crentes a tornarem-se construtores de uma “cultura da vida”, capaz de conter aquelas formas de violência que ainda hoje não deixam considerar a pessoa na sua justa perspectiva. Prossegui no caminho que, neste sentido, já iniciastes, cientes de que a família se defende, predispondo uma

oportuna protecção social, ética e espiritual, cuidando da formação integral de todos os seus membros, e sobretudo educando-a para uma amadurecida prática da fé e inter-ajuda tanto dentro do lar, como entre os diversos casais. Trata-se de dar vida a uma pastoral familiar orgânica e permanente, destinando para isso os meios necessários e preparando para tal objectivo, agentes pastorais idóneos, entre os vossos sacerdotes, religiosos, e casais que, com uma formação específica nas matérias respeitantes a este âmbito, vos ajudem a enfrentar com criatividade e eficácia a salvaguarda da família.

7. O meu pensamento detém-se de modo especial em São Tomé e Príncipe, onde uma insuficiente obra evangelizadora e diversas vicissitudes da história amontoaram preconceitos e traumatismos, que acabaram por instaurar uma verdadeira e própria mentalidade anti-matrimónio. Este primeiro lustro de presença permanente de um Bispo próprio, o caro Irmão Abílio Ribas, possibilitou o início de uma reevangelização que, com ânimo forte e confiança no Senhor Jesus, vos exorto a levar por diante. É preciso reconstruir a família santomense como uma sagrada aliança de pessoas, como um refúgio de gerações. Que esta família seja um autêntico e responsável ambiente de amor e de vida. Formai as famílias para o sentido de Deus e na mútua ajuda; e “não vos esquiveis de lhes anunciar todo o desígnio do Senhor a seu respeito”(cf. Act 20, 27). O futuro da Igreja em São Tomé e Príncipe e o bem dessa Nação dependem, em grande medida, da *consolidação da instituição familiar* - fundada no matrimónio indissolúvel.

Não existe, de facto, sociedade sã, a não ser com famílias sãs. Somente estas poderão oferecer ao país uma juventude esperançosa. A falta ou a ruptura da vida familiar faz as suas primeiras vítimas nos filhos, que, ao sentirem-se afectiva e espiritualmente abandonados, não conseguirão atingir o seu desenvolvimento integral com a conseqüente desorientação, falta de valores e normas de vida, desapego do trabalho, vulnerabilidade em face do ambiente de hedonismo e de corrupção moral, alcoolismo, droga e delinquência.

8. Caríssimos Irmãos no Episcopado, ao concluir este meu colóquio fraterno convosco, quero reafirmar todo o afecto e estima que nutro por cada um. Ao escutar-vos individualmente, depois de repassar os vossos relatórios, pude medir a dedicação com que guiais as vossas dioceses e apreciar a comunhão que vos une uns aos outros. Na escuta prolongada da Palavra e no silêncio da oração, vós podereis encontrar força para enfrentar as dificuldades do serviço apostólico quotidiano, luz para conduzir o rebanho confiado à vossa responsabilidade pastoral e vigor espiritual para confirmar os vossos irmãos na fé.

Não vos canseis de orar pelas vossas comunidades e educai-as para a dócil adesão à vontade de Deus. Sede em todas as circunstâncias fermento vivo de coesão e fraternidade, e continuai a proclamar a Boa Nova, indicando a um mundo, lacerado por tantos tipos de violência, Cristo “nossa Paz”(Ef 2, 14). Eu de todo o coração, concedo a cada um de vós a Bênção Apostólica, extensiva aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, aos seminaristas, aos catequistas e a todos os queridos filhos de Angola e de São Tomé e Príncipe que sempre estarão próximos do coração

do Papa. Maria, Mãe da Igreja e Senhora da Paz, sustente o vosso empenho e guarde as vossas dioceses, numa perene fidelidade ao Evangelho e num incansável serviço de libertação, solidariedade e reconciliação dos homens entre si e com Deus.

© Copyright 1991 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana